

GERAL

AMBIENTE

Floresta Viva: quando preservar dá dinheiro

Projeto no sul da Bahia garante R\$ 100,00 por mês a quem ajudar a conservar a mata

MAURA CAMPANILLI

ITACARÉ – Abandonado pela mulher e pelos filhos, que não agüentaram as privações do trabalho na roça, e prestes a também desistir de suas terras, o agricultor Gilberto Alves de Lima resolveu dar um voto de confiança a um ambientalista, que o aconselhou a plantar “pé de pau” e viver da floresta que estava destruindo. Beca, como é conhecido, construiu um viveiro de espécies da mata atlântica, aprendeu a fazer horta e abriu o que restou de mata em sua propriedade para turistas fazerem trilhas. Junto com dona Leci, que voltou para casa depois de trabalhar três anos como doméstica na cidade, passou a receber R\$ 100,00 por mês para não desmatar e espera, para a próxima semana, o retorno do primeiro dos sete filhos, que pretende ter novamente vivendo ao seu lado.

Morador da Área de Proteção Ambiental Itacaré-Serra Grande, uma das regiões mais preservadas de mata atlântica no litoral sul da Bahia, Beca é um dos agricultores familiares que participam do Floresta Viva, projeto idealizado pelo Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia (Iesb) para preservar a floresta, dando condições de permanência a seus moradores. Iniciado há dois anos, com capacitação técnica e treinamento para atividades conservacionistas, o projeto inovou ao incorporar em suas ações a garantia de renda mínima aos agricultores que estão investindo nele.

Os R\$ 100,00 mensais, a título de serviços ambientais, são financiados pela iniciativa privada – sobretudo empreendimentos turísticos da região –, para as famílias que se comprometerem a não desmatar, produzir mudas, colocar os filhos na escola e tirar os mais jovens dos trabalhos pesados da roça.

Dez famílias receberam o primeiro pagamento na semana passada e outras 25 devem ser incorporadas até o fim de maio. “Esperamos conseguir recursos para chegar a 100 famílias, das cerca de 150 que vivem na APA, até o fim do ano”, diz o engenheiro agrônomo Rui Rocha, diretor do Iesb.

“Desde que cheguei aqui, há dez anos, passava a maior parte do tempo chorando e dizendo para meu marido que iria voltar para Salvador. Pusemos tudo que o tínhamos aqui e não conseguimos mais do que R\$ 10,00 por semana. Disseram que a terra era boa, mas não era; de tudo que plantamos, só restou uma touceira de cana”, diz Gisélia Rodrigues de Jesus.

Ela e o marido, Domingos, foram os primeiros a acreditar que poderiam mudar seus destinos investindo em reflorestamento. Um ano depois, o casal já produz mudas para recuperação de áreas degradadas, vende hortaliças para restaurantes e pousadas da região e está finalizando uma represa com roda d'água, que garantirá a irrigação da horta e, finalmente, água encanada em casa. Com a renda mínima que passaram a receber, Gisélia espera melhorar sua casa e realizar o grande sonho: ter luz elétrica.

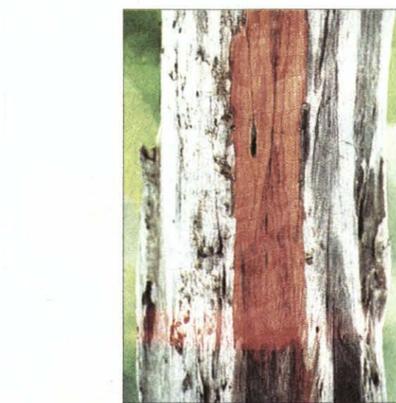
Estrada e turismo – Os agricultores começaram a chegar a essa região, que fica entre Ilhéus e Itacaré, no início dos anos 90, comprando terras por meio de assentamento do Incra. Além de se depararem com uma floresta ainda intocada, descobriram, depois do trabalho árduo para desmatar e plantar suas roças, que a terra



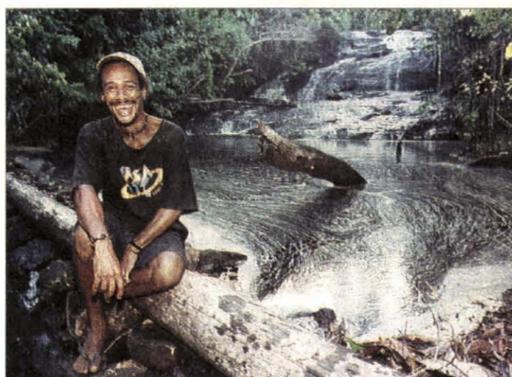
Serra (acima), uma das muitas praias bonitas da região; prato cheio para o turismo ecológico



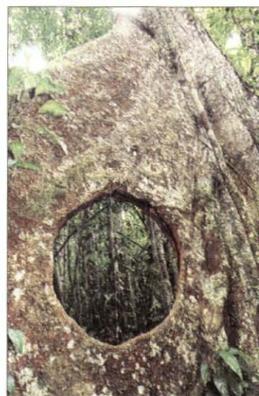
Fotos Paulo Liebert/AE



À esquerda, conduru, a árvore que é atração à parte na região; ao lado, a família do agricultor Edivaldo dos Santos



Jailton (acima) tem um sítio com rio e cachoeira; ao lado, Beca e Leci, começando de novo; abaixo, atrações da região



era pobre para a cultura da mandioca. Para piorar, foi criada a Área de Proteção Ambiental (APA), impondo muitas restrições ao uso da terra.

Com a APA, vieram também a estrada Ilhéus-Itacaré e os empreendimentos turísticos. “A crise do cacau nessa região causou um grande impacto na mata atlântica, assim como o desenvolvimento do turismo. Por isso, nos preocupamos em conseguir um modelo de estrada-parque para a rodovia – que encurtaria de cinco para uma hora o percurso entre Ilhéus e Itacaré – e em apoiar os agricultores familiares, para que parassem de desmatar, mas permanecessem na terra, com melhores condições de vida”, disse o diretor do Iesb.

Criada em 1993, a APA Itacaré-Serra Grande ocupa uma área de 16.800 hectares, dos quais metade é floresta, onde estão os agricultores, e metade é uma belíssima área costeira, ocupada por antigas fazendas de coqueiros e agora por luxuosos resorts. “Aos poucos, fomos vencendo a resistência dos pequenos agricultores, mostrando que a mata atlântica pode ser fonte de renda, mesmo sem vender madeira ou fazer roça, e conseguimos o apoio de pousadeiros e grandes proprietários,

que querem a permanência da floresta como atrativo.”

A primeira atividade do Iesb com os agricultores foi a criação de viveiros para recuperação de áreas degradadas. Pelo programa ClickÁrvore, da SOS Mata Atlântica, foram plantadas 40 mil mudas nas margens do Rio Tijupe. O reflorestamento agora está concentrado na recuperação das margens da estrada Ilhéus-Itacaré, com o financiamento de 60 mil mudas pelo governo do Estado. Atualmente, já são 52 viveiros e 60 agricultores envolvidos com a produção de mudas na APA. “A partir de maio, iniciaremos a produção de mais 200 mil mudas, para um projeto de seqüestro de carbono, já aprovado pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente”, diz Rocha.

Parte dessas mudas será utilizada para recuperar as áreas dos próprios agricultores com espécies nativas e outras que possam gerar renda às famílias,

como açaí, cupuaçu, pupunha, cacau e coco.

A produção de hortaliças, segundo a engenheira agrônoma Valéria Cyrillo, começou em duas propriedades, com o objetivo de melhorar a alimentação e vender o excedente. A descoberta de um mercado crescente por verduras, que não existiam na região, animou outras famílias a participar. “Somente essa atividade tem rendido cerca de R\$ 100,00 por mês a cada família. A mais produzida é a rúcula, mas agora estamos diversificando, com alface, salsa, cebolinha, coentro e almeirão”, conta.

Como as hortas, totalmente orgânicas, precisavam de água encanada, foi conseguido o apoio da entidade Médico Internacional para resolver o problema. Num mutirão, dez famílias estão construindo represas com roda d'água e trazendo água para irrigar a horta e abastecer suas casas.

“O objetivo da renda míni-

ma, nesse contexto, é mostrar às famílias que a preservação de suas áreas tem um valor em si e dar uma garantia mínima de sobrevivência, para que sobre tempo para poderem se dedicar a projetos novos, que garantirão uma vida mais tranquila”, explica o coordenador do Floresta Viva, Salvador Ribeiro da Silva Filho. “Por isso, colocamos, como condição para participar, a retirada das crianças do trabalho na roça e o envio para a escola. Esperamos, num prazo de dez anos, aumentar a renda média dos pequenos agricultores da região de R\$ 100,00 para R\$ 400,00.”

Edivaldo Jesus Santos, que na semana passada trabalhava na instalação da caixa d'água e encanamento em suas terras – enquanto sua mulher cuidava da horta e dos filhos pequenos (de 1 e 5 anos) e os mais velhos (de 10 e 13 anos) estudavam –, está empolgado com a nova perspectiva. “A situação financeira está melhor e estamos aprendendo muita coisa.”

Paisagem – Primeiro empresário a patrocinar o Floresta Viva, Cleber Isaac Filho, diretor do Complexo Vila São José, que reúne um eco resort e um condomínio em Itacaré, acredita que usuários e investidores

de seu empreendimento estão supondo que o lugar, daqui a 30 anos, estará tão bom ou melhor do que agora. “No entanto, o turismo traz riscos, pois não cria empregos para todos. Por isso, deve subsidiar os que querem permanecer na agricultura.” Dos 225 hectares da Vila São José, 80% formam uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN).

Além de “adotar” 20 famílias do Floresta Viva e comprar mudas de seus viveiros, Issac está divulgando o projeto entre seus hóspedes e espera conseguir recursos para assegurar a renda mínima a pelo menos mais 30 famílias. O empresário financiou também o site do projeto (www.florestaviva.org.br) e a instalação de energia solar na casa de Beca. A ideia é que os visitantes endinheirados que leva para conhecer a Trilha Janela da Gindiba, nas terras do agricultor, ajudem a levar o benefício a outras famílias.

Nelson Moraes, proprietário do Txai Resort, começou a colaborar com o Iesb comprando as hortaliças orgânicas produzidas pelo projeto. “Fornecemos também sementes de produtos de que precisamos, como alho poró, que eles nunca tinham visto”, diz. Depois, financiou o plantio das mudas produzidas pelo ClickÁrvore, que foram usadas para recuperar a mata ciliar do Rio Tijupe, em sua propriedade.

“Quando me apresentaram o Floresta Viva, percebi seu potencial em cortar o ciclo da mandioca, no qual o agricultor desmata, faz farinha e volta a desmatar, até esgotar o lugar. Nesse processo, ele despense boa parte da vida, sem que o trabalho lhe assegure condições de sobrevivência.” Por conta disso também passou a “adotar” algumas famílias e a trazer outros colaboradores. “Quando um empresário vem a um lugar desses e vê o potencial de preservação e a seriedade das pessoas envolvidas, está próximo de ser também um patrocinador”, acredita Moraes.

Ecoturismo – A Área de Proteção Ambiental Itacaré-Serra Grande possui um rico patrimônio natural, formado por remanescentes de Mata Atlântica e manguezais, recheados de rios, riachos, cascatas, cachoeiras e praias belíssimas. Tudo isso, cercado pelo Parque Estadual do Conduru, exuberante floresta nativa preservada.

Dentro da APA, está a Reserva Caititu, fazenda de 550 hectares, onde um estudo da Cepac e do Jardim Botânico de Nova York encontrou, em 1993, 456 espécies de árvores em apenas um hectare. Essa variedade deu à mata atlântica o status de segunda floresta em diversidade de árvores e impulsionou as iniciativas para preservá-la.

Apostando no crescimento de um turismo interessado não só em praias, mas em conhecer essa riqueza biológica, o Iesb, com apoio do Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (FundoBio), está realizando também um diagnóstico do potencial ecoturístico do local. Duas trilhas já estão abertas à visitação: o Refúgio dos Anjos, onde o banho de cachoeira é complementado com um legítimo lanche da roça, e a Trilha Janela da Gindiba, onde a grande atração é o buraco natural na árvore centenária.

Orgulhoso no traje safari, Beca reverencia a floresta antes de adentrar com os visitantes nos 15 hectares de mata que lhe restaram, dos 25 que recebeu do Incra há dez anos. “Não sabia que a floresta era tão importante”, diz.

TURISMO DA REGIÃO FINANCIA O PROJETO